

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

Marcas de interação na correspondência publicada em jornais paulistas do século XIX¹

Considerações Iniciais

O objetivo deste trabalho é focalizar a questão da interação social a partir da análise das marcas lingüísticas encontradas nas *Cartas* publicadas em jornais paulistas do século XIX. Nesses jornais, havia uma seção de cartas enviadas pelos leitores da época, cujo propósito era, em certos casos, pedir ajuda para resolver algum problema ou contar um episódio particular que precisava de uma solução. Podemos dizer que essa seção seria uma espécie de consultório de reclamações, pedidos ou mesmo um meio de estabelecer contato com parentes ou amigos. É interessante observar que algumas cartas são enviadas ao Redator, já outras são diretamente endereçadas a amigos ou parentes.

O *corpus* é constituído de 62 cartas publicadas entre os anos de 1828 e 1893, nos seguintes jornais paulistas: *Farol Paulistano*, *Diário de São Paulo*, *A Província de São Paulo*, *Cidade de Santos*, *Correio Paulistano* e *A Phenix*.

O contexto de situação em que as cartas se efetivam está revelado no próprio texto. Tal revelação não se dá de uma forma mecânica, mas por meio de um relacionamento sistemático entre o meio social, de um lado e a organização funcional da língua, de outro. Na visão de Maingueneau (2001: 54), a interação – denominada por ele de *interatividade* – é elemento fundamental do discurso/texto, ou seja, é constitutiva, “é uma troca explícita ou implícita, com outros enunciadoreis, virtuais ou reais, e supõe a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu discurso”.

1 Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no V Seminário do PHPB, de 14-17 de outubro de 2002, em Ouro Preto, Brasil.

1. Conceito de Interação

A interação é considerada um dos componentes do processo de comunicação, isto é, faz parte de toda atividade de linguagem, construindo efeito de sentido nesse processo. Para Bakhtin (1929: 98), ela “é a realidade fundamental da linguagem”. Segundo Brait (1993: 194), “é um fenômeno sociocultural, com características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas”.

Ao estudar um texto através da perspectiva interacional, pode-se observar as relações interpessoais veiculadas pela maneira como a situação comunicativa está organizada. Isso significa que o texto deve ser analisado não apenas em relação ao que está dito, mas também as formas da maneira de dizer, pois estas permitem uma leitura dos implícitos que se revelam e evidenciam a interação “como um jogo de subjetividades, um jogo de representações em que o conhecimento se dá através de um processo de negociações, de trocas, de normas partilhadas, de concessões” (Brait, 1993: 194).

Em toda interação, os interlocutores estão reunidos sob determinadas condições “contratuais”, que estão diretamente ligadas ao contexto situacional e aos papéis sociais dos participantes dessa interação. Uma análise textual deve, portanto, levar em conta os traços lingüísticos que permitem reconhecer a intencionalidade do enunciador, os efeitos de sentido construídos por esse enunciador ou pelo locutor por ele instaurado/instituído, e a persuasão ou manipulação que o enunciador busca exercer sobre o enunciatário (leitor).

Conforme aponta Bakhtin (1927: 9):

O significado e a importância de um enunciado (seja qual for a espécie particular deste enunciado) não coincide com a composição puramente verbal do enunciado. Palavras articuladas estão impregnadas de qualidades presumidas e não enunciadas (...) A vida, portanto, não afeta um enunciado de fora; ela penetra e exerce influência num enunciado de dentro, enquanto unidade e comunhão de existência que circunda os falantes e unidade e comunhão de julgamentos de valor essencialmente sociais, nascendo deste todo sem o qual nenhum enunciado inteligível é possível. A enunciação está na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado: ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa lingüisticamente estável o seu momento histórico vivo, o seu caráter único. Finalmente, o enunciado reflete a interação social do falante, do ouvinte e do herói como o produto e a fixação, no material verbal, de um ato de comunicação viva entre eles.

Segundo o autor, todas as línguas possuem meios gramaticais de expressão dos aspectos das diferentes atividades humanas e os papéis que os interlocutores desempenham em tais atividades:

primeira, segunda, terceira pessoas e estrutura de sentença variável de acordo com a pessoa do sujeito (“eu” ou “você” ou “ele”). A forma de uma proposição sobre uma terceira pessoa, a forma de um tratamento de uma segunda pessoa, a forma de um enunciado sobre si próprio (e suas modificações) já são diferentes em termos de gramática. Assim, aqui a própria estrutura da língua reflete o evento da inter-relação entre os falantes. (Bakhtin 1927: 16).

Desse modo, o conceito de interação é parte integrante da concepção de linguagem que orienta a linha de pesquisa da *Análise Dialógica do Discurso*. Linha essa que busca olhar para a materialidade lingüística e para a situação comunicativa constitutivas de uma enunciação e de um enunciado concreto, visando a observar as condições de produção, de circulação e de recepção de uma determinada situação comunicativa: em nosso *corpus*, as cartas do leitor.

Para discutir a questão do interlocutor, ou como dizia Bakhtin, para tratar do conceito do *outro*, é preciso considerar o papel do ouvinte/leitor, visto que :

[...] a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor. *A palavra dirige-se a um interlocutor*; ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato: não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. (Bakhtin, 1927:112).

A relação dialógica ou dialogismo é, portanto, condição de linguagem. No texto escrito, há o estabelecimento de uma relação dialógica ou diálogo, em sentido amplo, entre o enunciador (autor/escritor) e o enunciatário (leitor). Cabe lembrar que a atividade verbal sob a forma escrita também é orientada em função de intervenções anteriores da mesma natureza. Ao analisar o texto escrito é necessário levar em conta não só o conteúdo e a relação do enunciador com esse conteúdo, mas principalmente a relação do enunciador com o outro e com os discursos desse outro, explicitados ou presumidos.

Em relação às cartas do leitor, importa dizer que estão relacionadas a assuntos vividos pela sociedade da época e noticiados nos jornais ou a aspectos pessoais. Daí a motivação para escrever no jornal, tendo a possibilidade de o leitor publicar sua crítica, opinião ou pedido pessoal.

2. Caracterização do Gênero Carta²

Na visão de Bakhtin (1997), as sociedades e culturas são várias, assim como suas atividades, cuja mediação é feita pela linguagem. Os usos dessa linguagem são tão variados quanto variadas forem as atividades humanas, que moldam a linguagem por meio de enunciados relativamente estáveis, garantindo a comunicação verbal. Esses enunciados constituem os chamados gêneros discursivos.

Os gêneros discursivos são textos empiricamente realizados, encontrados na sociedade de forma materializada, tais como: notícia, artigo, entrevista, carta, bilhete, crônica, romance, receita culinária, situados no espaço e no tempo.

Para Marcuschi (2001a: 43), a definição dos gêneros é de natureza sócio-comunicativa, baseada em parâmetros pragmáticos e discursivos, visto que sua sedimentação se dá por meio de práticas sociais que visam a determinados propósitos comunicativos.

Ao analisar o gênero carta, Silva (1997) afirma que esse gênero discursivo permite uma variedade de tipos de comunicação, tais como: pedido, agradecimento, conselho, congratulações, desculpas, informações, intimação, prestação de contas, notícias familiares, etc. A autora acrescenta que, mesmo sendo cartas, não são da mesma natureza, pois circulam em campos de atividade diversos, apresentando funções comunicativas variadas: nas relações pessoais, nos negócios, entre outras. Desse modo, esses tipos de cartas podem ser considerados subgêneros do gênero maior “carta”, pois todos apresentam traços comuns que são típicos dessa tradição discursiva, sua estrutura básica: a seção de contato, o núcleo da carta e a seção de despedida; mas são classificados quanto à forma de realização e suas intenções. Assim, encontramos carta pedido, carta resposta, carta pessoal, carta programa, carta circular, carta do leitor, carta ao leitor, etc.

2 O uso da designação *gênero carta*, em vez de *gênero epistolar*, busca dar ênfase ao sentido de unidade de comunicação construída em contextos funcionais específicos, evitando conotações literárias.

Levando em conta a perspectiva funcional-interativa, verificamos que a carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico em seção fixa de jornais e revistas, denominada comumente de cartas, cartas à redação, carta do leitor, painel do leitor, destinada à correspondência dos leitores. Em outras palavras, a carta é utilizada em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe editorial do jornal ou da revista) visando a atender vários propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É uma tradição discursiva de domínio público, de caráter aberto, com o objetivo de divulgar seu conteúdo e possibilitando a sua leitura ao público em geral.

Na atualidade, as cartas do leitor são divulgadas em jornais e revistas de grande circulação e tratam de notícias ou reportagens de temas de interesse nacional, publicadas nesses veículos de comunicação, ou de solicitações feitas pelos leitores, pois é de fácil acesso, demonstra um contato, por parte deles, com os fatos importantes e recentes da sociedade e está escrito em registro formal ou semi-formal do Português.

Sabemos que nem toda carta do leitor é publicada. Segundo Melo (1999: 28-29), há sempre uma triagem para a seleção das cartas a serem efetivamente publicadas e entre aquelas que são selecionadas para publicação pode haver ainda uma edição, como ocorre normalmente no Jornal *Folha de S. Paulo* ou na Revista *Veja*, por exemplo. Por razões de espaço da seção ou por direcionamento argumentativo, as cartas podem ser resumidas, parafraseadas ou mesmo ter informações eliminadas. O que acaba, segundo Bezerra (2002: 211), “por configurar-se como uma carta com co-autoria: o leitor, de quem partiu o texto original, e o jornalista, que o reformulou”.

Entretanto, nos jornais do final do século XIX não é bem isso o que se vê. Na verdade, nos jornais selecionados as cartas são colocadas integralmente e versam sobre os mais variados e distintos assuntos: pedidos, reclamações, comentários, busca de contato com parentes ou amigos, entre outros.

Os enunciadores das cartas são pessoas que vivem na cidade de São Paulo (há somente duas cartas de moradores da cidade de Santos e publicadas no jornal *Cidade de Santos*) e procuram, através do jornal, atingir propósitos bem específicos e variados. Dentre as cartas levantadas até o momento, destacam-se: pedido, reclamação, desaba-

fo, comentário sobre matéria publicada, comentário ou crítica a políticos sobre as escolas públicas, as condições das estradas, iluminação pública, limpeza urbana, biografia, confissão.

Em algumas correspondências o propósito é explicitado pelo enunciador, aparecendo em posição de destaque logo no início do texto, como no exemplo (1). Com frequência, o objetivo da carta não é indicado tão claramente, devendo ser inferido.

(1) A Companhia de Navegação Paulista

Senhores Redactores. - Li por duas vezes, no jornal de vv.ss., reclamações sobre a irregularidade dos vapores desta companhia e da desconsideração com que se tratava os Paulistas, deixando de os avisar das transferências por meio de annuncios, etc. [...] Diário de São Paulo, 12/03/1875).

Quanto ao nível de sua estrutura discursiva, a carta do leitor não apresenta um tipo específico e, nesse sentido, se diferencia de outras tradições discursivas, como por exemplo, o conto ou a receita, considerados textos prototípicos das respectivas estruturas que representam. Na carta, seqüências narrativas, descritivas, argumentativas convivem harmoniosamente. Por isso, muitas vezes, é difícil delimitar as porções de cada tipo textual, que se sucedem numa progressão/transição quase imperceptível. Para melhor analisar e compreender essa tradição discursiva (carta de leitores) é necessário observar o propósito de cada carta, qual a sua função enquanto atividade social, que papéis sociais são desempenhados pelos interlocutores.

3. Papéis Sociais e Formas de Tratamento nas Cartas do Leitor

Neste momento, importa observar a relação entre os papéis sociais estabelecidos nas cartas sob análise e as formas de tratamento da língua. O conceito de papel social refere-se, segundo Preti (2000), à participação do homem no grupo social.

cada indivíduo tem uma posição dentro de um grupo (seja ele um grupo restrito ou *primário*, como a família; ou um grande ou *secundário*, como o Estado, por exemplo). Mas, podendo pertencer a vários grupos sociais, pode ocupar também várias posições sociais. Poderá, por exemplo, ao mesmo tempo, ser o pai, na família; o professor, na escola; o jogador na equipe esportiva; o pregador na Igreja etc. A essas posições sociais definidas do indivíduo no grupo costuma-se chamar *status*. (Preti 2000: 85-86).

O papel social é, portanto, a maneira de o indivíduo estabelecer sua correlação vital com outras pessoas. Para Preti, o locutor precisa de-

sempenhar seu papel adequadamente, e isso necessita de um certo esforço consciente para poder produzir a impressão almejada. Desse modo, “a conduta é regulada não apenas conforme os requisitos do papel funcional, mas também de acordo com o que o público espera” (Preti 2000: 89).

A linguagem é um componente essencial no desempenho do papel social. Ainda conforme Preti:

ao falarmos, podemos refletir o tempo em que vivemos (variação diatópica); nossa condição sociocultural, profissão, grau de escolaridade (variação diastrática); nosso sexo, faixa etária, ou aspectos de nossa personalidade, como timidez, agressividade (variação psicofísica); a *situação de comunicação* de que participamos, a forma verbal de interagirmos, decorrente do grau de intimidade que temos com nossos interlocutores, do tema que tratamos, da menor ou maior formalidade exigida, que resultará em *registros* diferentes, numa fala *tensa* ou *distensa* (variação diafásica) (Preti 2000: 89).

Quando se analisa a relação entre os papéis sociais e a variação lingüística adequada para representá-los, merece um olhar especial o estudo das formas de tratamento, ou seja, a maneira por meio da qual os interlocutores se tratam e o que pode representar na interação a escolha de uma forma ao invés de outra disponível na língua.

O uso das formas de tratamento liga-se a fatores diversos, como: intimidade, polidez, afetividade, poder, hierarquia, reverência, solidariedade. Ocorre, normalmente, nos diálogos ou nos vocativos e, nestes últimos, apresentam uma variedade devida à situação comunicativa. Nas cartas do leitor, de modo geral, os vocativos são: Senhor Redactor, Ilustríssimo Senhor Redactor, Senhores Redactores; mas há casos em que o leitor escreve diretamente para um parente, amigo ou conhecido, ou ao público: Querido esposo (carta dirigida a um voluntário da Pátria), Ao Chico Salles, Ao Compadre do Monge, Compadre Pancrácio, Comadre Chiquinha, Amigo Antonio Nardi Vasconcellos Junior, Aos fazendeiros e possuidores de escravos, Ao público, etc.

Na língua portuguesa, o sistema de tratamento pode ser representado por: *formas pronominais*: os pronomes pessoais (*tu, vós*); *formas pronominalizadas*: termos com valor de pronomes pessoais (*você, o senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria* e suas variações; *formas nominais*: nomes próprios, prenomes, nomes de parentesco ou equivalentes, ou uma variedade de nomes empregados como vocativos ou formas de chamamento.

O uso de qualquer uma dessas possibilidades depende das relações entre os diversos *status* sociais e os papéis para desempenhá-los. Entretanto, alguns usos podem-se fixar por mais tempo do que outros, em virtude da dinâmica das transformações sociais. Cabe observar que, nas relações estabelecidas entre os interlocutores no que diz respeito ao *status*, não é possível passar, de repente, de um tratamento mais formal como *o senhor* (que implica autoridade, poder) para *você* (que implica intimidade, solidariedade), sem marcar a mudança de papéis sociais.

De acordo com Robinson (1977), pode-se estabelecer uma norma de *status* ao se estudar as variações de tratamento, para demonstrar as convenções sociais que orientam o uso das formas de nos dirigirmos a um interlocutor, no desempenho de nosso papel social.

Com base nos trabalhos de Brown / Gilman (1960), pode-se analisar uma *semântica do poder* e outra da *solidariedade*, separando os dois grupos de tratamento que servem para evidenciar as posições manifestadas nas diversas relações sociais: padrão/empregado (*status* ocupacional), jovem/idoso (*status* etário), entre outros.

Segundo Robinson (1977: 126), sociedades que apresentam uma hierarquia muito forte, com manifestações de *status* atribuído (nobre/plebeu, em séculos passados), possuem uma série de formas de tratamento discriminativas, graduadas e co-ocorrentes com outros traços lingüísticos. Esse fato caracteriza a semântica do poder. Ainda hoje, em sociedades modernas, encontram-se resquícios fortes dessa presença, com a permanência da classe nobre com *status* e papel social definidos.

Em sociedades com *status* social adquirido, os tratamentos apresentam variações e, conforme Preti (2000), as formas de tratamento indicam aproximação maior e intimidade entre os interlocutores, o que constitui a semântica da solidariedade. Em tais sociedades, como ocorre em muitos países da América, onde há menos formalidade, o sistema de tratamento apresenta-se mais simétrico, cujas variantes antes indicativas de graduação de poder expressam também intimidade e solidariedade (*você/tu*). Assim, muitos traços diferenciadores acabam, gradativamente, perdendo esse emprego.

Na atualidade, há a tendência a um progressivo desaparecimento de formas de tratamento indicativas de poder. No Brasil, um traço característico dessa mudança está em algumas formas de tratamento,

como *você* e seu uso ampliado em relação a *o senhor*, conforme Preti (2000), evidenciando uma “quebra de formalismo” (p.94).

Talvez a transformação mais relevante das formas de tratamento no Português do Brasil diga respeito ao uso de *tu* e *você*. O sistema reduziu-se ao uso de *você*, tanto para indicar intimidade como cortesia, deixando a maior ou menor intimidade para a oposição *tu/o senhor*, o que não ocorre no Português Europeu em que *tu* (forma pronominal)/*você* (pronomes de tratamento) indicam intimidade/igualdade.

Entretanto, no século XIX é difícil distinguir com rigor o uso das duas formas *tu* e *você*. Pode-se afirmar que ambos os tratamentos se integram na semântica da solidariedade. Já para o plural ficou somente a forma *vocês*, visto que *vós* desapareceu da língua falada no Brasil, sendo utilizado apenas na oratória pública.

Em nosso *corpus*, encontramos, porém, uma carta publicada no jornal *Correio Paulistano*, em que o remetente trata seu interlocutor por *vós*:

(2) Para que *vos metteis* a tralhão, meu rabula quadrado? Já que *fallasteis* em uso fazendo lei, *pergunto-vos*, com que condição ousa faz lei?” e mais adiante alterna o uso de *vós/tu* ao usar o imperativo: “Ora *ide* plantar batatas. Se reincirdes chamo-*vos* á palmatoria (...) Ande, *vai* para escola orelhudo (Correio Paulistano. 22 de junho de 1854).

Neste exemplo, observa-se uma crítica bastante violenta por parte do escrevente, que se dirige a seu interlocutor como: parvo, bolonio, meu pedaço d’asno, rabula, entre outros. Entretanto, há outro exemplo em que a esposa escreve para o jornal, dirigindo uma carta a seu esposo: um voluntário da pátria, empregando o pronome *vós*.

(3) Carta dirigida a um Voluntario da Patria

Querido esposo.

Embaú 10 de Setembro de 1865.

Tive o delicioso prazer de receber a *vossa* prezada carta, com data de 18 do proximo passado mez, a qual me encheu de orgulhoso prazer por ter certeza de que *vos* achavas gosando perfeita saude e as rogativas que faço a bem aventurada virgem é que ao receberes esta *vos* acheis no goso da mesma. Eu me acho com saude graças a Deus, assim como todos os nossos filhinhos, no numero dos quais podeis contar mais um, que hontem veio à luz, scientificando-*vos* que fui muito feliz e até o presente acho-me sem alteração em minha saúde.

[...]

Vossa estremosa, constante, e fiel esposa. Eulalia Maria Silveria (Correio Paulistano, 26/09/1865)

O uso de *vós* para a segunda pessoa do singular, antes mesmo do século XIX, é considerado um arcaísmo que se mantém em situações de reverência e prestígio, constituindo um exemplo de semântica do poder; entretanto no exemplo citado (2) o uso de *vós* cria um efeito de sentido de ironia e descaso em relação ao interlocutor, uso esse que se mescla com o de *tu*, já que o poder e o prestígio são trocados pelo descrédito e pela inferioridade.

Quanto às expressões utilizadas nas relações de poder, incluem-se todas as formas pronominalizadas, com exceção de *você*: *vossemecê*, *o senhor*, *a senhora*, *a senhora Dona*, *o senhor Dr.*, *o cavalheiro*, *V. Exa.*, *V. S^a*, entre outras. Tais formas indicam respeito, hierarquia e são usadas de acordo com o *status* atribuído ou adquirido dos interlocutores.

Para dirigir-se ao redator do jornal, o interlocutor usa formas diversificadas. Há casos em que emprega *Vossa Senhoria*, como no exemplo (4), escrito por uma lavadeira. Já há outros, em que o escrevente utiliza a forma *Vossa Mercê*, alternando com *o senhor* e outros ainda, em que o interlocutor usa o pronome de tratamento *você*, como em (5), embora o vocativo empregado seja *o senhor*. Nesses exemplos, verifica-se uma variação no uso da forma para dirigir-se ao redator, interlocutor conhecido apenas por intermédio do jornal, sem caráter íntimo ou de grande conhecimento partilhado.

(4) Consequências da nova numeração.

Senhor redactor.

Sou lavadeira e engommadeira, e tenho sempre exercido as minhas modestas profissões com applauso do *Senhor* publico e dos meus freguezes da academia. Morei d'antes no becco do inferno e ha cousa de 3 mezes mudei-me para esta sua casa, onde vivia tranquillamente em quanto na cimalha da porta se lia o NUMERO 20, mas o proprietario querendo embellezar o front-spicio do seu predio entendeu que devia mandar caial-o, o que fez, empregando em tal obra um *senhor* pintor muito chué que borrou-me o 2 do vinte, e ficou minha casa com o numero – 0 – !

[...]

Ora, como conto a vossa senhoria já tudo isto erão tristezas para a minha alma e por isso tencionava mudar-me do meu cazebre.

[...]

Estou zangada e não quero articular mais. Peço-lhe que me olhe pela cifra como cousa sua.

Até a primeira. Sua criada. Apollinaria Gerundia de Mattosinhos (Correio Paulistano, 12/08/1865)

(5) Quero mais “Correios”

Senhor redactor. – Findou-se hontem o bixesto de 1864.

Segundo os annuncios que você fez no seu jornal a cousa não correu lá muito agradável.

Quebras, guerras, chuvas de pedra e outras polemicas tudo incommodou os nossos cidadãos.

A mim, graças a São Benedicto, de que Sou irmão, não me chegou mal. Só tive augmentos; e senão veja;

A minha Eva deu à luz um pequeno, que se chama Juca, e já tem dous dentes.

As galinhas pozeram ovos como nunca se vio.

Nasceu-me um bezerro e as cabras pariram todo o anno que foi o diabo.

(...)

De forma que, pelo que lhe digo, fique você sciente que nada me falta e tenho mais do que preciso. |

Nas horas vagas leio o seu *Correio Paulistano* que traz sempre bem boas pêtas, e depois embrulho queijo no papel.

Agora, como o tal anno acabou-se, a mulher disse-me que escrevesse ao homem das folhas para tornar a ser assignante.

Eu não queria mais saber de historias; mas emfim mande você outra vez o *papelucho*, e ahi vai o cobre para 6 mezes.

Ponha este anno cousas bem engraçadas; quero-me rir a custa dos tolos; senão dou com o jornal nas ventas do folheiro e leva tudo o diabo.

Por oras, adeos e sou

O Seu freguez das folhas. Mendo Paes (*Correio Paulistano*, 01/01/1865)

Biderman (1972-73: 358-359) apresenta os usos das formas de tratamento no mundo de fala portuguesa na Idade Média e afirma que o *tu* era marca de intimidade, afeto, emotividade ou ainda de inferioridade. Já o *vós* indicava não-intimidade, distância ou respeito e superioridade. No mesmo uso de *vós*, encontramos as formas *Vossa Mercê*, *vossa Senhoria* e *Senhor*.

A forma *você* aparece, provavelmente, no século XVIII como tratamento intermediário entre *tu* e *Vossa Mercê*. Para Biderman, *você* e *Vossa Mercê* coexistem nesse século e como apresentam valores ligeiramente diferentes, a autora não sabe se teria derivado da evolução de *Vossa Mercê* como afirmam alguns estudiosos, dentre eles José Pedro Machado:

Quando se consideram as inúmeras variantes de *Vossa Mercê* levantadas por Plà Cárceres na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII, outra hipótese pode ser aventada. O tratamento de *Vossa Mercê* deve ser importado da Espanha. No final do século XVI e primeira metade do século XVII, Portugal estava sob o domínio espanhol. Além disso, as relações entre as sociedades portuguesa e espanhola sempre foram muito intensas e estreitas desde os tempos medievais. Comparem-se agora variantes espanholas

como: *voaçed, vueçed, vassuncê, vuaçed, voazé, vuazé, vuezé*, todas registradas por Cárceres. Note-se quão vizinhas se encontram foneticamente de *você*. *Vassuncê* do repertório de Cárceres também se encontra nos meios rurais portugueses e brasileiros, a par com *Vosmecê* e *ocê*. Essa última freqüente na fala urbana brasileira de vários níveis. Talvez *você* é simplesmente represente uma daquelas variantes que corriam na Espanha senão em toda a Península Ibérica (*apud* Biderman, 1972-73: 363).

Cabe apontar ainda que no Brasil a substituição de *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, deve ter ocorrido na passagem do século XIX para o XX. Por isso no *corpus* sob análise a forma *você* é a menos encontrada, há poucas ocorrências e uma delas já foi comentada no exemplo (5).

Para ilustrar a fase de uso de formas variantes de *Vossa Mercê*, encontramos cartas em que uma senhora dirige-se a uma comadre, empregando a forma *meçê*, como no exemplo (6). Há outra (7) cujo escrevente usa a forma *voçunce* para dirigir-se ao redator.

(6) Comadre Chiquinha

Muito estimarei que ao receber estas mal traçadas regras, se ache já quasi boa do seu romatismo.

[...]

Mariquinha, que *meçê* sabe que soffre muito das lombrigas, leva a noite inteira se acordando assustada com | semelhantes berros.

[...]

Arrematando esta, peço-lhe o favor de ver se por ahi ha alguma casinha vaga, porque quero me safar daqui como o diabo da - cruiz.

Adeus; espero sua resposta

Sou sua comadre .Tudinha (Correio Paulistano, 20/08/1865)

(7) Duas regras

Senhor redactor.

Ha muito tempo que andava com ganas de dar uma pennada na imprensa de *voçuncê*; mas entences como não sei retolica, tinha scismas que *voçuncê* havia-se pôr com partes. Mas já hoje vi no seu pharol annunciada uma descomponenda de nha Amalia, cosinheira que foi do defundo senhor conego meu padrinho, que Deus haja, e isso me pissui de animo para botar nas folhas umas regras.

Eu conheço *voçuncê* de outras eras; *voçuncê* é que não se lembra de mim; eu estava alugada na casa do seu bispo Dom Matheus, no tempo em que *voçuncê* foi lá botar a Chrisma em *voçuncê* mesmo. Eu bem me lembro disso.

[...]

Vai agora apparece um dia destes um velhote com uma espada grande e pistola na mão e manda que eu metta a montoeira para dentro. Isto, senhor redactor, não se faz a uma viuva honrada.

[...]

Se lá apparecer a nha Amalia voçuncê dê-lhe lembranças minhas.
Uma sua serva. *Nicota Gertrudes*. (Correio Paulistano, 24/06/1865)

Por meio dos exemplos, verifica-se que as formas - *Vossa Senhoria*, *Vossa Mercê*, *o senhor*— usadas pelo escrevente para dirigir-se ao redator ou a um parente denotam respeito em relação ao papel social desempenhado pelo interlocutor, entretanto revelam também que a forma *Vossa Mercê* está passando por uma fase de transformação devido à variação com que é empregada, dependendo de quem é o escrevente e a que classe social pertence.

4. Interatividade nas Cartas do Leitor

A interatividade é definida, por Marcuschi (1999: 143), como “o movimento típico e explícito do escrevente direcionado a um leitor pretendido”. Desse modo, as marcas de interatividade são constituídas por expressões ou formas lingüísticas que subentendem a presença de um leitor a quem o escrevente se refere de modo claro e sem qualquer ambigüidade em determinado contexto situacional.

A relação dessas marcas com a gramática evidencia-se pelo fato de essas formas lingüísticas serem usuais na língua, ou seja, são empregadas de acordo com as possibilidades que o sistema de língua portuguesa permite.

Tal uso faz parte de um movimento próprio do processo de textualização cuja presença do interlocutor evidencia-se na própria construção textual. As cartas são casos típicos de textos que permitem um uso intenso de marcas de interação, mas isso não quer dizer que outros gêneros não o permitam. Observemos a carta a seguir, na qual destacamos algumas dessas marcas:

(8)

COMPADRE PANCRACIO. –

Não começo por perguntar- lhe noticia de sua saude, porque pela ultima que me escreveo fiquei sabendo que está rijo como um cerne, fresco como uma alface, e alegre como um medico em tempo de epidemia. Tambem pudera não ser assim. O compadre passa um vidão, mora no meio da abundancia, sente o aroma das flores, e das arvores, bebe boa e cristalina agua (Não repare, poetissimo compadre), neste estylo que é muito geral nesta cidade).

[...] Ora realmente felicissimo compadre, uma vidinha destas é para chegar com certeza á idade do defunto Mathuzalen, que nem eu, nem o compadre conhecemos.

É verdade que o anasphaltissimo compadre por isso mesmo anda no

mundo da lua, a respeito de progresso *progressante* não encherça um palmo adiante do nariz; e para de todo não ficar obtuso é mister que eu o vá, com estas minhas cartas burnindo, e tirando-o do estado quasi natural em que se acha.

Tenha paciencia, compadre, Deus me defenda de deixa-lo (o compadre, não a Deus) fazer figura ridicula; tenha paciencia, heide dezabuzal-o.

Aqui corre o rio por outra fôrma. Levanta-se a gente pela volta das 8 horas, toma o seu café, mas um café, compadre, todo adubado com milho, e outras coisitas mais, coisa boa; lê o *Correio Paulistano*, faz o seu toilette, isto é, lava o rosto, pentea-se, calça as chinela, veste a ceroula, a calça, o casaco, etc., fuma o seu charutinho; e assim chega até as 10 horas, que é a hora do almoço, já se sabe, coisa fina, carne quasi sempre de boi pestado, dizem que está reconhecida que é mais saborosa, assim como a carne de dois e tres dias, por que fica mais macia; não sabia desta, compadre, pois [v]já aprendendo, que muito tem que aprender.

O leite aqui compra-se já adubado com agua e polvilho, que lhe dá um sainete excellente. O pão, isso então, compadre de uma figa, é coisa grande;

[...]

Agora do que o compadre mais se havia de admirar seria do preço de tudo isto. O'he, com qualquer 8\$ rs. por dia o compadre póde almoçar, jantar e ceiar! Realmente é de graça.

Uma coisa que não temos nesta nossa boa cidade do Apostolo das gentes, quem o acreditar! é agua. Mas declaro-lhe, sequiozissimo compadre, que não faz falta.

[...]

Agora, acciadissimo compadre, á noite quando depois de repletos de tantas delicadas, e variadissimas iguarias, sahimos a dar o nosso passeio hygienico, que prazer sentimos, quando ao passarmos por uma esqui-na, vemos correr della uma agua grossa com forte cheiro de sal amoniaco, ou quando encontramos um grande e alto carro conduzindo grande quantidade do verdadeiro patcholly, que deixa evaporar o mais exquisito aroma conhecido! Que bem estar não sente um filho de Deos ao passar pela rua do Rosario, em frente a casa que pertenceu ao seu velho amigo capitão Severino! Oh compadre de um dardo, é que é o verdadeiro viver no seio de Abrahão; agora é que se póde dizer com verdade - esta vida não chega a netos, nem a filhos com barbas.

Afirmão-me, compadre, que a policia tem ultimamente visitado as casas de negocio, e inutilizado muitos generos deteriorados, falsificados, etc.. mas realmente, austerissimo compadre, acho que a policia não tem razão, e que de alguma fôrma vae contra a plena liberdade do commercio

[...]

Era o que faltava que homens que vivem só pensando no modo de nos ser *util e agradável* soffressem nos seus interesses. Nada, não admitto, e para enristar a lança por elles estará sempre prompto o seu velho compadre.

O Zé da Vestia. (*Correio Paulistano*, 21/01/1864)

Na carta sob análise, todas as partes destacadas com sublinhado apresentam uma relação interpessoal direta do escrevente (O Zé da Vestia) com seu destinatário (Compadre Pancrácio). Tudo transcorre como se

ele estivesse na presença de seu interlocutor (Tenha paciência compadre; não sabia desta compadre; Agora acceiadíssimo compadre). Evidencia-se, assim, que o gênero *carta pessoal* tem um interlocutor definido, único, bem delineado e íntimo. Além disso, há uma suposição de conhecimentos partilhados que sustenta uma série de afirmações ou comentários que escapam aos demais leitores do jornal.

Quanto a elementos característicos da interatividade, veja-se a própria construção de vários trechos da carta no estilo de atos ilocutórios (Não repare; Tenha paciência; vá aprendendo, que muito tem que aprender), perguntas (não sabia desta, compadre). Outro indício de relação direta com o interlocutor são os vocativos (poetíssimo compadre; felicíssimo compadre, anasphaltíssimo compadre, compadre de uma figa; acceiadíssimo compadre, austeríssimo compadre, Oh compadre de um dardo, impertinentíssimo compadre, etc). Há ainda o uso de marcadores discursivos - agora, então, assim, mas realmente, acho que, olhe - que encadeiam as seqüências textuais e estabelecem um envolvimento com o interlocutor.

Considerações Finais

Essas marcas de interação revelam que o enunciador/escrevente age visando a um envolvimento multiorientado (cf. Marcuschi 1999), dado que se envolve: a) com seu interlocutor (o leitor a quem a carta está dirigida e aos prováveis leitores do jornal); b) com o tópico discursivo em desenvolvimento (o assunto tratado na referida carta); c) consigo mesmo; d) com práticas sociais específicas (na carta, o contato pessoal).

Desse modo, tais marcas são uma característica primordial do processamento lingüístico oral ou escrito. Numa perspectiva cognitiva, podemos dizer - em conformidade com Marcuschi (1999) - que o processamento textual, enquanto atividade/movimento de produção e recepção de texto apresenta aspectos comuns na fala e na escrita, ou seja, a interatividade não é uma estratégia típica da fala e pode ocorrer na textualização da escrita. A interatividade é uma característica que está relacionada ao escrevente/locutor e sua ação com a língua, e não apenas um aspecto da modalidade (oral/escrita). Assim, a dialogicidade será tanto maior quanto mais definido for o interlocutor.

Em síntese, as marcas de interatividade nas cartas atuam como operadores de orientação cognitiva, evidenciando perspectivas de

interpretação preferencial por parte do escrevente/locutor. Além de marcas estilísticas, são formas de ação com a linguagem (atos de fala) que estabelecem contratos, fazem negociações, propostas e definem posicionamentos para uma relação intersubjetiva eficaz.

Referências Bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail (1927): *Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética socio-lógica)* Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, a partir do texto em inglês de I. R. Titunik “Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics”. Em: *Freudism*. New York: Academic Press, 1976 (cópia xerox).
- Bakhtin, Mikhail (1929): *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira e outros. São Paulo: Hucitec, 1979.
- Bakhtin, Mikhail (1997): *Estética da Criação Verbal*. 2.ed., São Paulo: Martins Fontes.
- Biderman, Maria Teresa Camargo (1972-73): “Formas de tratamento e estruturas sociais”. Em: *Revista Alfa*, 18/19, p. 339-381.
- Bezerra, Maria Aparecida (2002): “Por que cartas do leitor na sala de aula”. Em: Dionísio, Ângela Paiva/Machado, Ana Rachel/ Bezerra, Maria Aparecida (eds.): *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Brait, Beth (1993): “O processo interacional”. Em: Preti, Dino (ed.) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: Humanitas, p. 189-213.
- Brait, Beth (2002): “Interação, gênero e estilo”. Em: Preti, Dino (ed.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, p. 125-158.
- Brown, Robert/Gilman, Albert (1960): “The Pronouns of Power and Solidarity”. Em: Sebeok, Thomas A. (ed.): *Style in Language*. Cambridge: Press of MIT, p. 253-276.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1990): *Les interactions verbales, vol.1*. Paris: Armand Colin.
- Maingueneau, Dominique (2001): *Análise de textos de comunicação*. Trad. Maria Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez.
- Marcuschi, Luiz Antônio (1999): “Marcas de interatividade no processo de textualização da escrita”. Em: Rodrigues, Ângela Cecília Souza/ Alves, Ieda Maria/ Goldstein, Norma (eds.): *I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, p.139-156.
- Marcuschi, Luiz Antônio (2001): *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- Marchuschi, Luiz Antônio (2001a): “Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos”. Em: Signorini, I. (ed.): *Investigando a relação oral/escrito*. Campinas: Mercado de Letras, p. 23-50.
- Melo, Cristina Teixeira Vieira (1999): *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP.

- Preti, Dino (2000): “Papéis sociais e formas de tratamento em *A Ilustre Casa dos Ramires*, de Eça de Queiroz”. Em: Berini, Beatriz (ed.): *A Ilustre Casa dos Ramires – Cem Anos*. São Paulo: EDUC/FAPESP, p. 85-109.
- Robinson, William Peter (1977): *Linguagem e comportamento social*. Tradução de Jair Martins. São Paulo: Cultrix.
- Silva, Vera Lúcia Paredes (1988): *Cartas Cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Silva, Vera Lúcia Paredes (1997): “Variações tipológicas no gênero textual carta”. Em: Koch, Ingedore/ Barros, Kazuê Monteiro de (eds.) *Tópicos em Lingüística de Texto e Análise da Conversação*. Natal: EDUFRN, p. 118-124.